SOBRE HOMENS MARGINAIS

GILBERTO VELHO
Museu Nacional, UFRJ

As noções de marginalidade e desvio quando aplicadas às sociedades complexas contemporâneas, contrastam dramaticamente com as sociedades primitivas, tribais, ou de pequena escala.

Nestas, como mostrou Laraia, retomando Stonequist e Florestan Fernandes (Laraia 1967), podia-se

> [...] Entender o homem marginal como sendo aquele indivíduo que não pertence integralmente a qualquer sociedade, devido a conseqüências do contato entre dois sistemas sociais ou, apenas a uma impossibilidade de ajustamento a um único sistema [: 155].

Ora, nas sociedades complexas da atualidade, já temos que enfrentar, de saída, a questão de sua relativa integração. A heterogeneidade cultural e a complexidade sociológica produzem e expressam uma coexistência, muitas vezes contraditória, de diversos estilos de vida e visões de mundo. Há várias maneiras de lidar com o fenômeno sócio-cultural da complexidade. Parece-me útil encarar o sistema mais amplo com que lidamos sempre como uma possibilidade e não como premissa. Daí a importância da pesquisa histórica que permite rastrear a gênese dos grupos, categorias e relações sociais que constituem a sociedade maior, cujas unidade e coerência são problematizáveis. É claro que sempre sabemos que as sociedades primitivas nunca são tão simples ou homogêneas, mas o fato é que têm sido tradicionalmente tratadas na literatura antropológica como unidades. As diferenças internas, as relações entre as sociedades tribais e com outras sociedades em geral, embora importantes para algumas linhas de pesquisa, não obscurecem

Anuário Antropológico/92
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994

a predominância de uma visão da sociedade de pequena escala equivalente a um sistema auto-contido e delimitado. Já, no tocante às sociedades modernas, particularmente no que diz respeito às metrópoles, sempre foi inescapável a presença de grupos sociais e áreas ecológico-culturais distintos e, muitas vezes, contrastantes. Colocavam-se como problemas básicos as fronteiras e o trânsito entre os referidos grupos e áreas (ver, por exemplo, Park 1925).

Creio ser interessante comparar as abordagens contemporâneas da chamada escola Boasiana diante das sociedades tribais com a do grupo de sociologia de Chicago diante da cidade, com o objetivo de perceber continuidades e descontinuidades quanto às concepções de integração, normalidade e desvio, por exemplo.

Tanto Ruth Benedict (1934) como Margaret Mead (1935) sugeriam as limitações das sociedades de pequena escala, diante das alternativas da sociedade moderna. Nesse sentido, o seu relativismo era paradoxal, desde que, com maior ou menor ênfase, partiam do pressuposto de um homem universal cujas potencialidades poderiam ou não ser aproveitadas dentro do quadro de culturas específicas. Já os sociólogos de Chicago, influenciados por Simmel, viam na metrópole o *locus*, por excelência da diversidade onde, mesmo com elevado preço a pagar, os indivíduos poderiam valorizar e expressar sua singularidade (Simmel 1971, Park 1925 e Wirth 1938). Vale a pena pensar se não estamos lidando com as duas faces da mesma moeda, apesar de consideráveis diferenças de objeto, método e teoria. Os trabalhos do grupo de Chicago mostraram que, na grande metrópole contemporânea, encontramos não só um maior número e diversidade de papéis e domínios, como evidentes descontinuidades e contradições entre estes. Família, trabalho, religião, lazer, opções políticas, entre outros, configuram um *campo de possibilidades* em que os atores individuais se movem, mais ou menos impelidos e pressionados, mas com uma gama básica de alternativas e opções. Embora existam papéis e situações mais contaminadores, há maior separação e autonomia, produzindo maior margem de manobra do quem num pequeno grupo, relativamente isolado, onde todos se conhecem. Assim, por mais que se saiba que não existem sociedades realmente simples, pois as relações sociais nunca são lineares, há uma contrastante diferença entre viver em uma aldeia com cem indivíduos ou numa metrópole com dez milhões de habitantes. É evidente também que não se trata apenas de um problema demográfico, mas do caráter e natureza da sociedade e da cultura.

Assim, se pensarmos a sociedade como um permanente processo interativo, podemos perceber que se o desvio e a marginalidade são sempre fenômenos relativos; essa característica assume maior nitidez na sociedade moderno-contemporânea. A diversificação de papéis e domínios, associada à possibilidade de trânsito entre estes, possibilitam e produzem identidades multifacetadas e de estabilidade relativa. Configura-se o que já denominei de *potencial de metamorfose* (Velho 1992).

Em qualquer sociedade os indivíduos transitam entre papéis e domínios, mas, na grande metrópole contemporânea, isso atinge uma intensidade e frequência inéditas. Este fenômeno foi percebido tanto pelos antropólogos boasianos como pelos sociólogos de Chicago. A principal diferença foi que, enquanto Ruth Benedict, em *Patterns of Culture*, por exemplo, enfatizava a dificuldade de investigar as sociedades complexas (Benedict 1934: 55-56), sociólogos como Robert E. Park assumiam como tarefa o desafio de pesquisar a metrópole (Park 1925).

Sabemos que a grande antropóloga americana, mais adiante em sua carreira, enfrentou também o desafio das sociedades complexas com o *Crisântemo e a Espada* (Benedict 1946), mas ainda levaria algum tempo para que outros antropólogos viessem a se juntar aos esforços de Lloyd Warner no desvendamento do meio urbano moderno. Vale lembrar que Warner também exerceu importante influência sobre os sociólogos de Chicago (Becker 1977, especialmente introdução). A experiência da pesquisa antropológica foi importante para o desenvolvimento de trabalhos de sociólogos da tradição de Chicago, como Everett Hughes e seus alunos H.S. Becker e Erving Goffman. Mas a problemática herdada de G.Simmel, através, principalmente, de Robert E. Park, introduziria outras questões e problemas.

Em casos extremos, a heterogeneidade e a diferenciação poderiam produzir situações de *fragmentação* sócio-cultural, quando se perdem relações mínimas de gramaticalidade entre domínios e papéis.

Podemos dizer, assim, que na sociedade moderna-contemporânea os indivíduos transitam não entre dois *sistemas*, mas entre *N* domínios e/ou níveis sócio-culturais. Por outro lado, quando se fala em ajustamento, sabemos que é altamente problemático pensarmos tendo apenas *um* sistema como referência, desde que, por definição, os indivíduos transitam entre mundos e esferas diferenciados, cujas relações não só não são lineares como

não são regulares. aproximando-se, em sua extrema complexidade, de modelos caóticos.

Sem dúvida, o *blasé* de Simmel e o *homem sem qualidades* de R. Musil são tipos sociais que expressam, com contundência, características básicas da vida na grande cidade moderna-contemporânea. O amortecimento, a ausência de convicções ou projetos fortes, o desenraizamento, são possibilidades reais em diversos quadros sócio-culturais, mas nem sempre é clara a fronteira entre ser blasé e não ter qualidades que, aliás, não são sinônimos, com ser *flâneur* como em Baudelaire e W. Benjamin. A atidude de perambulação pelas ruas, a importância do olhar do *voyeur*, o distanciamento e o descomprometimento, expressariam uma ausência de *commitment*, de adesão diante da heterogeneidade e da fragmentação como limite. Sem dúvida Simmel, Musil, Baudelaire e W. Benjamin descreveram modalidades de adaptação e sociabilidade possíveis na metrópole e sociedade modernas. Mas as redes de significado, "webs of meaning", produzem também outras modalidades de combinação e trânsito na esfera cultural para a própria concepção de indivíduo, marginal ou não. A não ser em casos de execração e denúncia públicas que congelem drasticamente a identidade individual, contaminando todos os seus papéis e desempenho, existe uma maior margem de manobra apoiada no *anonimato relativo* (Velho & Machado da Silva 1978) que, articulada ao *potencial de metamorfose*, diferenciam as sociedades urbanas contemporâneas das sociedades tribais e tradicionais.

Um outro papel que assume importância extrema dentro da complexidade sócio-cultural analisada é o de *mediador cultural*. Trata-se do papel desempenhado por indivíduos que são intérpretes e transitam entre diferentes segmentos e domínios sociais. De certa forma, é o oposto sociológico do homem marginal esmagado entre dois sistemas culturais. Esses "brokers", mediadores, tornam-se especialistas na interação entre diferentes estilos de vida e visões de mundo. Embora, na origem, pertençam a um grupo, bairro ou região moral específicos, desenvolvem o talento e a capacidade de intermediarem mundos diferentes. Os exemplos são inúmeros, como pais de santo, médicos, artistas populares e políticos. Karina Kuschnir, aluna do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, desenvolve trabalho em que analisa o papel dos vereadores do Município do Rio de Janeiro enquanto mediadores culturais. Não são apenas representantes políticos em um sentido restrito. Traduzem e interpretam aspirações,

desejos e valores de grupos específicos para a esfera pública oficial. Uns mais, outros menos, têm na sua atividade cotidiana a tarefa de estabelecer pontes entre universos culturais distintos. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, em sua tese de doutoramento. analisa, por sua vez, o papel dos *carnavalescos* como mediadores entre o mundo tradicional das escolas de samba com outros segmentos e domínios (Cavalcanti 1993).

Esses mediadores não são seres desenraizados ou marginais no sentido clássico. Desenvolvem a capacidade de lidar com dois ou mais códigos. Seu sucesso profissional e pessoal depende de seu desempenho como intermediários. Em uma sociedade complexa e heterogenea, papéis como esses, nem sempre explícitos e conscientes, fazem parte da própria lógica do processo interativo. O *potencial de metamorfose* permite, em geral, aos indivíduos transitarem entre diferentes domínios e situações, sem maiores danos ou custos psicológico-sociais, ao contrário do que se poderia esperar, a partir de uma visão mais estática de identidade. Dentro desse repertório, portanto, desenvolvem-se papéis e desempenhos mais especializados, sem que isto signifique uma exclusão dos outros indivíduos. Pelo contrário, trata-se de uma característica mais generalizada da sociabilidade contemporânea, que faz com que todos, potencialmente, possam participar de *N* códigos e mundos. As diferenças, claramente existentes, se devem a especificidades de trajetória, origem, poder, prestígio, associadas à natureza da estrutura social.

É evidente que essas peculiaridades relativizam ainda mais as noções de marginalidade e desvio, mas não suprimem o fenômeno da *transgressão*. Com maior ou menor amplitude ou ressonância, indivíduos infringem regras básicas, mobilizando o controle e a coerção social. Por mais que exista uma margem de manobra, em função de maior diversificação de grupos de referência e apoio, existe um limite, embora problemático, que, uma vez ultrapassado, mobiliza sanções e mecanismos de controle e repressão. Vale registrar, no entanto, que a precariedade das instituições legais e policiais, ao lado de numerosíssimas variáveis, passa também pela predominância de relações sociais complexas, não lineares. Uma das maiores dificuldades para a continuidade das sociedades complexas contemporâneas é a de localizar conjuntos de símbolos legitimadores de uma ordem social. Esta crise, como sabemos, é bastante generalizada. Vivemos, certamente, no Brasil essa problemática acompanhada de uma crescente consciência de sua existência.

BIBLIOGRAFIA

BECKER, Howard S. 1977. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar.

BENEDICT, Ruth. 1934. *Patterns of Culture*. Boston: Houghton Mifflin.

______. 1946. *The Chrysanthemum and the Sword*: Patterns of Japanese Behavior. Boston: Houghton Mifflin. Tradução brasileira: *O Crisântemo e a Espada*: Padrões da Cultura Japonesa. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BENJAMIN, Walter. 1985. *Walter Benjamin*: Sociologia. São Paulo: Ática.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 1993. *Onde a Cidade se Encontra: o Desfile das Escolas de Samba no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. (Tese de doutorado).

LARAIA, Roque de Barros. 1967. O "homem marginal" numa sociedade primitiva. *Revista do Instituto de Ciências Sociais* 4 (1): 143-158.

MEAD, Margaret. 1935. *Sex and Temperament in Three Primitive Societies*. New York: William Morrow. Tradução brasileira: *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva: 1969.

MUSIL, Robert. 1956. *L'Homme sans Qualités*. Paris: Seuil.

PARK, Robert Ezra. 1925. "The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the Urban Environment". In *The City* (Robert Ezra Park, Ernest W. Burgess & Roderick D. McKenzie, orgs.). Chicago: The University of Chicago Press. pp. 1-46. Tradução brasileira: "A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano". In *O Fenômeno Urbano* (Otávio Guilherme Velho, org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1967. pp. 29-72.

SIMMEL, Georg. 1971. *On Individuality and Social Forms*. Chicago: The University of Chicago Press.

VELHO, Gilberto. 1992. "Unidade e Fragmentação em Sociedades Complexas". *Duas Conferências* (Otávio Guilherme Velho & Gilberto Velho). Rio de Janeiro: Forum de Ciência e Cultura/Editora da UFRJ. pp. 13-46.

VELHO, Gilberto & Luiz Antonio MACHADO DA SILVA. 1977. "Organização Social do Meio Urbano". *Anuário Antropológico/76*: 71-82. Rio de Janeiro.

WARNER, W. Lloyd *et al.* 1963. *Yankee City*. New Haven: Yale University Press.

WIRTH, Louis. 1938. Urbanism as a Way of Life. *The American Journal of Sociology* 44 (1). Chicago. Tradução brasileira: "O Urbanismo como Modo de Vida". In *O Fenômeno Urbano* (Otávio Guilherme Velho, org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1967. pp. 97-122.